

O BNDES e a Agroindústria em 1998

INTRODUÇÃO

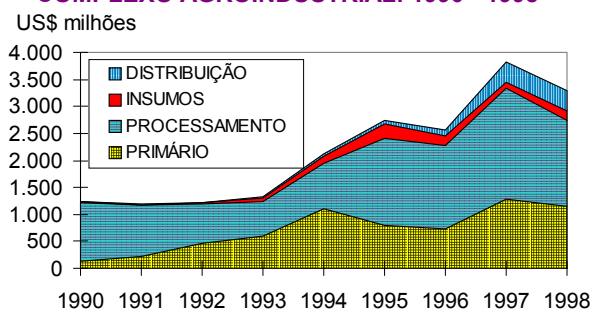
Este informe apresenta os principais dados sobre os desembolsos do BNDES para a agroindústria no ano de 1998, dando prosseguimento à análise feita no informe nº13, de março de 1997.

1. CONCEITO AMPLIADO

O complexo agroindustrial, que inclui os setores de insumo, produção primária, processamento e distribuição de alimentos, bebidas e fumo, recebeu US\$ 3,3 bilhões em 1998, representando 23% do total de desembolsos do Sistema BNDES. Houve uma queda de 13% em relação a 1997, enquanto o desembolso total do Sistema permaneceu em US\$ 16 bilhões.

Os desembolsos para o setor primário tiveram uma redução de 10%, ficando em US\$ 1,1 bilhão, equivalentes a 35% do complexo. Neste segmento os destaques foram o cultivo da soja, que aumentou em dez vezes, pulando de US\$ 3,7 milhões para US\$ 38 milhões e para a criação de aves, que teve seus investimentos aumentados de US\$ 19 milhões para US\$ 112 milhões. Por outro lado, o cultivo do cacau caiu de US\$ 39 milhões para apenas US\$ 0,9 milhão.

Quadro 1 - DESEMBOLSOS DO BNDES PARA O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL: 1990 - 1998



A parcela destinada ao setor de

processamento teve uma queda de 23%, diminuindo de US\$ 2 bilhões para US\$ 1,5 bilhão. Os destaques foram para a fabricação de laticínios, o beneficiamento do arroz e o refino de óleo vegetal, que cresceram, respectivamente, 44% (US\$ 27,9 milhões), 83% (US\$ 22,5 milhões) e 621% (US\$ 18,9 milhões). As indústrias de cerveja receberam US\$ 307 milhões, 62% menos do que em 1997.

O segmento de insumos recebeu mais 61%, dobrando sua participação para 6% do total de desembolsos para o Complexo Agroindustrial. O valor foi de US\$ 183 milhões e a expansão deveu-se ao crescimento dos setores de fertilizantes e de máquinas, 633% (US\$ 56 milhões) e 24% (US\$ 100 milhões), respectivamente.

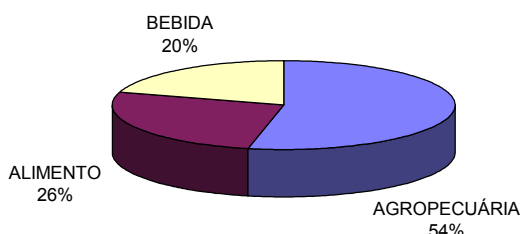
O setor de distribuição (supermercados) manteve o nível de 1997, respondendo por 11% dos financiamentos (US\$ 375 milhões).

2. CONCEITO RESTRITO

Houve uma diminuição de 14% nos desembolsos para a agroindústria (agropecuária e indústrias de alimentos, bebida e fumo), passando de US\$ 2,5 bilhões em 1997 para US\$ 2,2 bilhões. Com isso, sua participação no orçamento do BNDES caiu de 15% para 13%.

A agropecuária diminuiu 10%, ficando em US\$ 1,1 bilhão, e respondeu por metade dos desembolsos para a agroindústria. O setor de bebidas e a indústria de alimentos registraram diminuições de 31% e 5% respectivamente.

Quadro 2 - DESEMBOLSOS DO BNDES PARA A AGROINDÚSTRIA POR SEGMENTO 1998



O único setor a apresentar crescimento foi a indústria de fumo que apresentou um aumento de 83%, porém sobre uma base reduzida: apenas US\$ 2 milhões em 1997.

3. PROGRAMAS ESPECIAIS

3.1 PRONAF

No ano de 1998 o PRONAF-Investimento desembolsou US\$ 258 milhões, 58% menos do que o valor financiado em 1997.

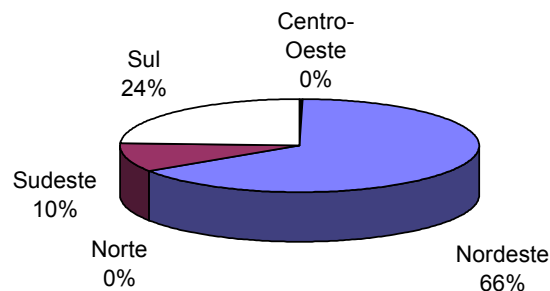
A região Nordeste recebeu 65% deste valor (US\$ 169 milhões), sendo que somente o estado da Bahia representou 33%. Em seguida vem a região Sul com US\$ 62 milhões, equivalendo a 24% do total. No ano passado, a região Sul e Nordeste foram responsáveis por 70% e 9%, respectivamente.

Esta inversão de posições entre Nordeste e Sul é resultado de dois fatores: atuação intensa do Banco do Nordeste e esgotamento da demanda no Sul, que foi em grande parte atendida no ano de 97, de forma que os projetos estão hoje em fase de execução ou de amortização.

O PRONAF Especial foi criado em novembro de 1998 e praticamente não apresentou desembolso. Esse programa possui o diferencial de ter como clientes produtores com renda anual bruta de até R\$ 8.000,00, proveniente, em sua totalidade, de exploração agropecuária e/ou extrativa. Esses produtores devem empregar exclusivamente mão de obra familiar, admitindo-se porém utilização eventual de trabalhadores temporários. O limite de financiamento individual para esse

programa varia de R\$ 1.500,00 a R\$ 3.000,00 por operação.

Quadro 3 -DISTRIBUIÇÃO DAS APROVAÇÕES DO PRONAF POR REGIÃO



3.2 Algodão

O Programa de Apoio à Comercialização do Algodão Nacional foi instituído em fevereiro de 98, com o objetivo de auxiliar o processo de comercialização da fibra, cuja produção nacional está em recuperação depois da queda acentuada no início dos anos 90.

Foram desembolsados US\$ 3,6 milhões em oito operações, sendo cinco em São Paulo (US\$ 2,4 milhões), duas em Minas Gerais (US\$ 1,1 milhão) e uma no Ceará (US\$ 59 mil).

No primeiro trimestre de 1999 foram aprovadas mais três operações que totalizaram R\$ 97 milhões.

3.3 Pro-solo

O Programa de Incentivo ao Uso de Corretivos de Solos foi operacionalizado em agosto de 1998 e tem como objetivo elevar os níveis de produtividade da agricultura brasileira através do financiamento de corretivos de solos, sobretudo calcário.

O Programa desembolsou US\$ 3,5 milhões em 1998, sendo 55% para o Estado do Paraná (US\$ 1,9 milhão). Como os recursos só se tornaram disponíveis no início do segundo semestre, a linha foi pouco utilizada, uma vez que a aplicação do corretivo deve ser feita cerca de um mês antes do plantio.

3.4 REAVER

O Programa REAVER foi instituído pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul visando a recuperação da competitividade do complexo avícola estadual, sendo seus beneficiários as empresas desse complexo e seus acionistas.

O apoio do BNDES se deu através de uma Operação-Programa no valor de R\$ 124 milhões, sendo que o valor dos projetos chegou a R\$ 203 milhões. Os principais agentes participantes foram os bancos BRDE, Barrisul e Unibanco, atendendo às empresas Minuano, Fangosul, Avipal, Wallaver, Alisul, Cotrel, Langiru, Penabranca, Agrogen e Finac.

4. BNDES-EXIM

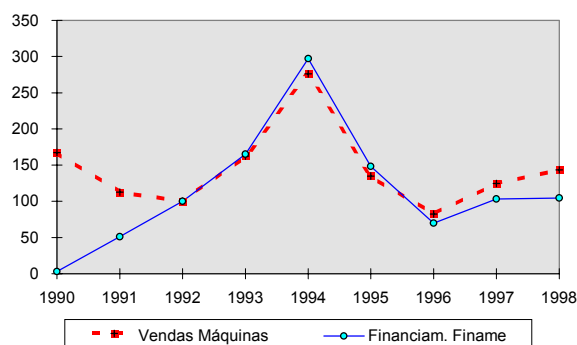
O BNDES-Exim é responsável pelo financiamento da exportação de bens e serviços. No ano de 1998, os desembolsos totalizaram US\$ 2 bilhões, representando um aumento de 74% em relação a 1997.

O setor alimentício recebeu US\$ 114 milhões, o que representou uma queda de 6% em relação ao ano anterior. O setor de carnes foi responsável por US\$ 72 milhões, representando 63% do valor desembolsado para o setor de alimentos. Frutas e derivados de soja receberam US\$ 12 milhões e US\$ 25 milhões, respectivamente. Predominaram as operações da modalidade pré-embarque especial, onde é financiado o capital de giro necessário ao incremento das exportações das empresas.

5. FINAME AGRÍCOLA

O Programa FINAME Agrícola apresentou um desembolso de US\$ 354 milhões, 10% mais do que em 1997. Já as vendas internas de máquinas aumentaram em 15%. Apesar de um biênio de crescimento (97-98), se comparado com o volume de 1994, o mercado ainda está 48% menor.

Quadro 4 - VENDAS DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS (MERCADO INTERNO) E DESEMBOLSOS FINAME AGRÍCOLA: 1990-1997 (1992=100)



Observa-se que em 1997 e 1998 as vendas de máquinas agrícolas cresceram mais do que os desembolsos da Finame. Isto indica um aumento do número de operações pagas à vista ou financiadas por outras fontes (como recursos externos captados por fabricantes).

O grande destaque foi a Linha Especial de Financiamento Agrícola. Instituída em agosto de 1997, destina-se à aquisição de tratores, colheitadeiras, máquinas, equipamentos e implementos agrícolas destinados a plantio sob a técnica de "plantio direto", tem encargos financeiros fixos (11,95% a.a., incluída a comissão de 2,95% do Agente Financeiro) e pode financiar até 100% do valor do bem. Em 1998, a Linha respondeu por 76% dos desembolsos do Finame Agrícola, concentrados em operações de aquisição de tratores e colheitadeiras.

6. VALOR MÉDIO DOS FINANCIAMENTOS

O valor médio dos desembolsos para a agroindústria aumentou de US\$ 68 mil em 1997 para US\$ 97 mil no ano seguinte, ao mesmo tempo que o número de operações diminuiu de 37.279 para 22.371, representando uma queda de 60%.

Essa concentração de valores maiores sobre um número de operações menor acompanha de perto o que ocorreu no setor agropecuário, que apresentou um salto de

US\$ 37 mil para US\$ 58 mil em seu valor médio, tendo o número de operações caído de 34.575 para 19.885. A principal razão é a redução dos desembolsos através do Pronaf.

Tabela 1-Valor médio e número de operações

	US\$ Mil	Nº op.
Agropecuária	58	19.885
Indústria Alimentícia	281	2.033
Indústria de Bebidas	977	447
Indústria de Fumo	725	6
Agroindústria	97	22.371

Já a indústria de bebida apresentou uma diminuição na média do valor de suas operações, de US\$ 1,6 milhão para US\$ 977 mil para um número de operações 8,5% menor: 409 em 1997 e 447 em 1998.

7. PRINCIPAIS CADEIAS

Tabela 2 - DESEMBOLSOS DO BNDES POR PRINCIPAIS CADEIAS: 1997-1998 (US\$ MILHÕES)

Cadeias	1997	1998	Evolução
Carnes	324,0	424,7	31,1%
Cana-de-açúcar	208,5	226,7	8,7%
Grãos	142,1	238,0	67,5%
Frutas	78,3	54,9	-29,9%
Cacau	56,8	7,0	-87,7%
Laticínios	28,2	33,5	18,8%
Café	19,4	30,5	57,5%
Fumo	2,7	4,4	62,3%

A participação conjunta das cadeias líderes - carnes, cana-de-açúcar e grãos - passou de 26,7% para 41,0%.

A queda dos desembolsos para a cadeia de cacau, que inclui o cultivo e a fabricação de derivados de cacau, foi causada principalmente pelas negociações para a reformulação do Programa de apoio à Recuperação da Lavoura Cacaueira, que só permitiram a liberação dos recursos em

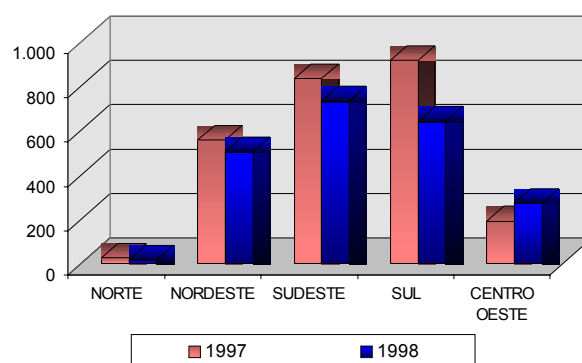
dezembro.

Deve-se destacar ainda o crescimento dos desembolsos para o cultivo de café, que alcançaram US\$ 20,5 milhões, 77% a mais do que em 1997. Trata-se do 3º ano consecutivo de crescimento (em 1995 o setor recebeu apenas US\$ 3,5 milhões).

8. DESEMBOLSOS POR REGIÃO

A única região a apresentar crescimento no valor dos desembolsos foi a Centro-Oeste, que recebeu US\$ 272 milhões, 41% mais do que em 1997.

Quadro 5 - Desembolsos do BNDES para Agroindústria por Região: 1997 e 1998 (US\$ milhões)



As regiões Sul e Norte tiveram uma diminuição de 30% e 32%, respectivamente. Quedas maiores do que a ocorrida na média do país, de 14%. A queda na região Sul foi causada em grande parte pela diminuição da sua participação no Pronaf, de 70% para 24%.

As regiões Nordeste e Sudeste também tiveram desempenhos fracos, apresentando retração de 10% e 13%. A região Nordeste, porém, ainda foi ajudada pelo Pronaf, que destinou metade de seus desembolsos para a região.

Equipe responsável:

Paulo Faveret – Gerente Setorial
Morine Alves Fonseca – Estagiária

Cristina Turano – Editoração